

MARCOS TEÓRICOS E HISTORIOGRÁFICOS SOBRE UM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NA CIDADE DE SÃO PAULO

Companhia Antarctica Paulista

*THEORETICAL AND HISTORIOGRAPHICAL
FRAMEWORKS ON INDUSTRIAL HERITAGE
IN THE CITY OF SÃO PAULO*
Companhia Antarctica Paulista

Diógenes Sousa¹

Resumo

O presente artigo pretende, em linhas gerais, traçar a importância da Companhia Antarctica Paulista no espaço urbano da cidade de São Paulo. Além disso, o artigo tem como intenção mostrar alguns dos agentes responsáveis pelas mudanças ocorridas na cidade na passagem do século XIX para o século XX, com uma visão mais apurada que abrangerá a insurgente industrialização, a imigração, o comércio e os espaços de lazer, incluindo uma discussão sobre os marcos teóricos e historiográficos atinentes à preservação do patrimônio industrial.

Palavras-chave: Antarctica, São Paulo, patrimônio industrial, cervejaria.

Abstract

The present article aims, in general terms, to outline the importance of the Companhia Antarctica Paulista in the urban landscape of the city of São Paulo. Furthermore, the article intends to highlight some of the key agents responsible for the changes that occurred in the city during the transition from the 19th to the 20th century, with a more refined perspective encompassing the emerging industrialization, immigration, commerce, and leisure spaces. It also includes a discussion on the theoretical and historiographical frameworks related to the preservation of industrial heritage.

Keywords: Antarctica, São Paulo, industrial heritage, brewery.

Leituras da cidade e da cerveja

Na virada do século XIX para o XX, como decorrência da II Revolução Industrial, os centros urbanos passaram a ser cada vez mais povoados em várias cidades do mundo, incluindo São Paulo. A migração de população do campo para a cidade permitiu uma série de reflexões que abarcam o campo das Ciências Humanas de modo que, ao longo do século XX, vê-se que uma gama de estudos acerca do tema está disponível a quem por ele se interessa.

Refletir sobre a cidade, contudo, não é privilégio dos homens contemporâneos, já que as cidades existem desde a Antiguidade como espaço de intervenção das ações humanas, apenas a forma como estes pensam diferem de seus antecessores, no tocante ao interesse de desenvolver uma sistematização que contemple uma maior reflexão sobre o fenômeno urbano. Em outras palavras, busca-se aqui um questionamento sobre a cidade que faça dela um campo específico do saber.

No caso de São Paulo, o campo de estudo aqui representado possui elementos para produção de identidade e de imagem para a cidade, que se transformou, num curto de espaço, se levado em consideração o momento em que praticamente a província manteve-se intacta, da chegada dos jesuítas em 1554 até o último quartel do século XIX. O historiador Eurípedes Simões de Paula² acredita até numa segunda formação da cidade, que passa de vila colonial à metrópole, elegendo o ano de 1872 como efeméride deste processo, ainda que com ressalvas:

Depois de consultar estatísticas e vários livros, chegamos à conclusão de que pelo ano de 1872 começou a transformação de São Paulo. Mas, queremos, desde já, tornar claro que, sem certos fatos anteriores, absolutamente não se teria dado esse [sic] progresso, e que essa mudança não pode ser marcada em um dia certo, nem mesmo em determinado ano. E' o resultado conjugado de vários fatores [sic] políticos, econômicos e sociais (Paula, 1939, p.168).

Durante a administração de João Teodoro (1872-1875), praticamente metade das receitas da Província foram gastas para promover o embelezamento da cidade (Morse, 1958). Sendo assim, a cidade que tinha sua economia pautada pelo café, começa, paulatinamente, a formar o seu parque industrial, a princípio nos bairros da Água Branca e Lapa, na zona oeste, e Brás e Mooca, na zona leste, em função da proximidade com os rios e ferrovias que cortavam a cidade, uma vez que “as grandes transformações da cidade de São Paulo nessa mesma época devem, como o avanço do povoamento rural, ser vinculadas à ascensão do poder nessa classe de proprietários agrícolas, e ao controle total que eles tinham da economia do café”³.

Contudo, com o fim da escravidão os fazendeiros de São Paulo necessitavam forçosamente de uma solução para a crise de mão-de-obra que eles imaginariam que houvesse em decorrência da abolição. Com isso, cresceu exponencialmente o número de imigrantes para o trabalho nas lavouras cafeeiras, pois “os fazendeiros e o governo consideravam o trabalho na indústria, comércio e outros serviços, e mesmo ocupações agrícolas que não a produção do café, prejudiciais ao objetivo básico,

² PAULA, Eurípedes Simões de. *A Segunda Fundação de São Paulo. De pequena cidade à grande metrópole de hoje*. 1939. Em <http://www.revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/017/A006N017.pdf> Acesso em: 25/07/2014.

³ SZMRECSÁNYI, Tamás (org). *História Econômica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo – 2004, p.42.

¹ Pós-Doutorando em História (Unifesp-EFLCH/2023), Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PUC-SP/2022), Mestre em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PUC Campinas/2017) e Historiador (Unifesp-EFLCH/2014).

sendo contraproducente uma política mais geral de povoamento do país”⁴.

Ainda assim, sabemos que a imigração não ficará restrita aos campos de café, pois os imigrantes teriam papel fundamental nas questões que envolvem o cotidiano e a história urbana de São Paulo de uma maneira geral. Um exemplo desta participação maciça da imigração é descrita por Alfredo Moreira Pinto⁵, um carioca estudante de Direito em 1870 e que retornou a São Paulo 30 anos depois, reforçando a presença italiana na formação da capital paulista:

“Era então São Paulo uma cidade puramente paulista; hoje é uma cidade italiana!!

São Paulo quem te viu e quem te vê!...

...Tinhas então as ruas sem calçamentos, iluminadas pela luz baça e amortecida de uns lampeões de azeite, suspensos a postes de madeira; tuas caras quasi todas térreas tinham nas janellas umas rótulas através das quaes conversavam os estudantes com as namoradas... Oh! Que de encantos tinhas naquelles bons tempos que não voltam mais!

O Braz, a Moóca e o Pary eram então insignificantes povoados com algumas casas de sapê, que a medo erguiam-se no meio de espessos mattagaes; a Várzea do Carmo, o lugar escolhido para caçadas de cabritos...

não posso mais dar-te o tratamento como tu; fidalga como és, mereces hoje o tratamento de excellencia. Está V. Excia completamente transformada, com proporções agigantadas, possuindo opulentos e lindíssimos prédios, praças vastas e arborizadas, mas todas calçadas” (Pinto, 1979, p.10).

A elite paulistana, símbolo autoconstruído desta metrópole do café, almejava, então, uma cidade mais moderna e o governo de Antônio Prado Junior, como intendente e depois prefeito, de 1899 a 1911, foi o responsável pela construção de uma imagem internacional na capital paulista. De suma relevância é a abordagem acerca de um positivismo que pregava melhores condições de salubridade individual e pública. Nesse momento surgiam bairros cujos nomes já denotavam tal preocupação, por exemplo, Higienópolis e Saúde, o que demonstra o afastamento desta elite em relação aos bairros operários que se formaram em decorrência do número de indústrias instaladas em áreas marginalizadas socialmente naquela época, na cidade.

Dentre tantas indústrias instaladas em São Paulo, selecionamos esta para a produção deste artigo, devido a sua relevância nas relações sociais e sua colaboração direta para o crescimento da cidade. Em 1868, Louis Bücher, filho de uma família de cervejeiros alemães, instalou-se na cidade de São Paulo e abriu sua pequena cervejaria utilizando-se de milho, arroz e outros cereais. Já em 1882, Bücher associava-se a Joaquim Salles, proprietário de um abatedouro de suínos cujo terreno ficava nas proximidades do bairro da Água Branca e tinha o nome de Antartica.

Bücher via em Salles a possibilidade de sucesso numa nova empreitada, uma vez que Salles possuía em seu abatedouro uma máquina de gelo, pois permitiria a fabricação da cerveja. Assim sendo, da união dos dois, surgiu em 1888, na Água Branca, a “Antartica Paulista – Fábrica de Gelo e Cervejaria”, sob direção de Louis Bücher. Em

4 HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro: Paz e Terra História, 1984, p.61.

5 PINTO, Alfredo Moreira. *A Cidade de São Paulo em 1900*. Coleção Paulística, vol. XIV. São Paulo: Governo do Estado – 1979, pp.-10.



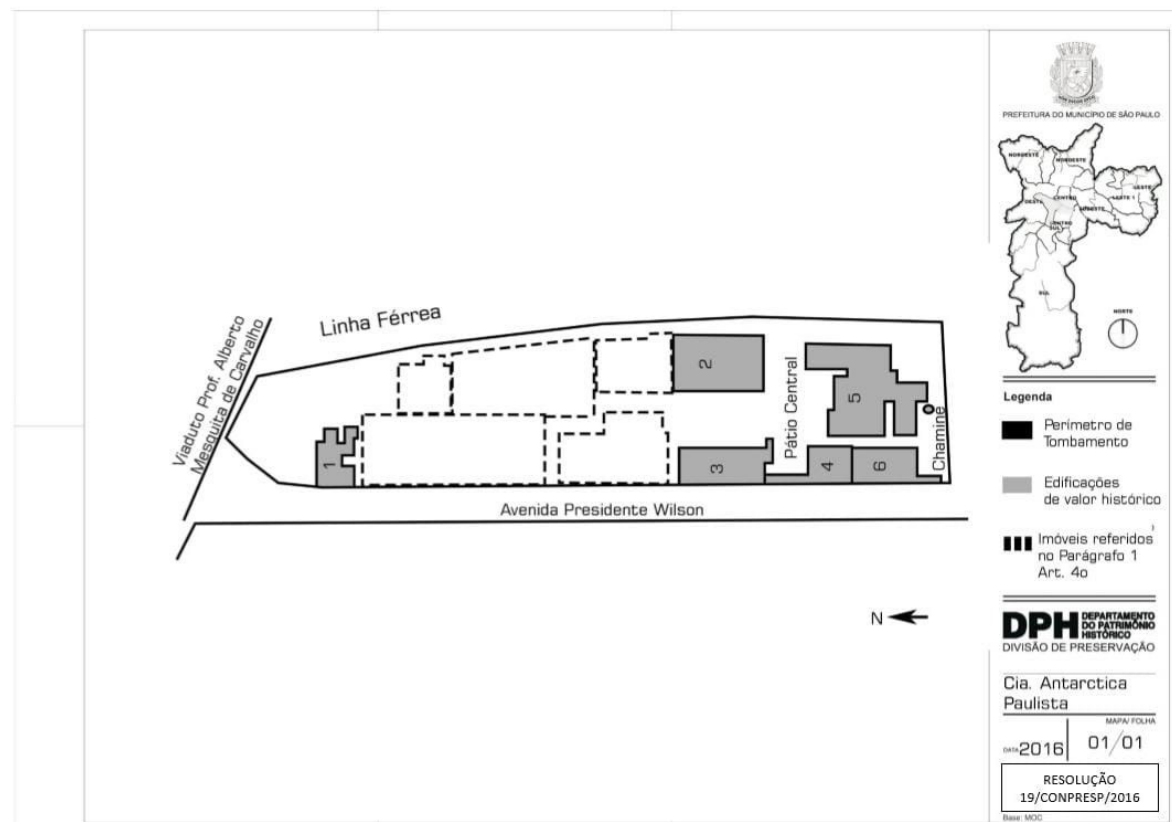
três anos, a empresa mudou seu nome para Companhia Antartica Paulista, tornando-se uma sociedade anônima com mais de cinquenta acionistas e capital inicial de 2245 contos de réis (Santos, 2004), dentre os quais podemos citar João Carlos Antonio Zerrenner, alemão, e Adam Ditrik von Bülow, dinamarquês. Ambos eram proprietários da exportadora e corretora de café Zerrenner, Bülow e Cia., e importaram equipamentos alemães modernos para a cervejaria, aumentando, assim, sua produção.

Compete a este artigo mostrar que uma fábrica é muito mais do que um simples aparato industrial, uma vez que, tudo o que envolve a Companhia Antartica Paulista faz parte de uma nova categoria de edificações que precisam ser analisadas, preservadas e estudadas, não só por suas características arquitetônicas, mas pela importância das sociabilidades ali impostas. “A arquitetura é a única, entre as artes maiores, cujo uso faz parte de sua essência e mantém uma relação complexa com suas finalidades estética e simbólica” (Choay, 2001, p. 230).

Analisar a Companhia Antartica Paulista é, sobretudo, referenciar-se ao patrimônio industrial da cidade de São Paulo, constituído de um rico acervo que evidencia o desenvolvimento econômico e urbano da capital paulista alicerçado de remanescentes de estimado valor cultural, muitos já bastante modificados.

Baseado na leitura da Resolução 19/CONPRESP/2016, notamos que o complexo fabril existente no bairro da Mooca é composto pelos edifícios numerados de 1 a 4, que devem passar pelo processo de preservação da arquitetura e elementos externos, pelo edifício 5 que passa, além do processo citado acima, também por um processo de preservação de estruturas metálicas internas e externas, assim como o edifício 6.

Entre tais reminiscências, no centro da cidade, havia o Cine Central criado pela Companhia Antartica Paulista, já que o mercado exibidor de filmes era um promissor local para a venda de seus produtos, bebidas alcoólicas e refrigerantes. O Cine foi inaugurado em 1916, na então Rua de São João, sendo vendido em 1921 ao governo federal onde seriam instalados a Delegacia Fiscal e a Circunscrição de Recrutamento.



Em 1948, a obra seria demolida para dar continuidade à Avenida Anhangabaú.

O Parque Antarctica, erguido no local de fundação da cervejaria, também fruto dessa política de viabilizar ao consumidor um lugar onde as bebidas produzidas pudessem ser consumidas, promovendo uma relação entre indústria e espaços de lazer, além de diversas práticas desportivas, inclusive sendo, em 1902, o palco da primeira partida de futebol oficial da cidade.

Também da Companhia Antarctica era o Bosque da Saúde, uma área coberta por vegetação residual da mata Atlântica, na qual se abriram algumas clareiras e trilhas, distante aproximadamente 6,5 km do centro da cidade e que era servida por linha de bondes elétricos.

Seguindo nesta de linha de análise, há a participação da família Zerrenner na construção do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, de 1897, fruto da união de um grupo de senhoras alemãs que formaram um bazar no prédio da Escola Alemã na rua Florêncio de Abreu para angariar fundos para a criação do hospital. Anos mais tarde, a Zerrenner, Bülow & Co. emprestou a quantia de 325000\$000 para a execução da obra, que ficou a cargo da Lindemberg, Alves & Assumpção.

Ao tratarmos sobre a história de uma fábrica, é indissociável a ideia da importância do movimento operário na formação do espaço urbano, desta maneira, buscamos na leitura de Eric Hobsbawm⁶ elementos que corroborem com este pensamento, com enfoque no relato de antigos funcionários da fábrica, baseando-se também na pertinente leitura de Ecléa Bosi⁷, a fim de traduzir em palavras os sentimentos e as sensações vividas por pessoas que participaram ativamente do processo a ser analisado.

6 HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho. Novos Estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.

7 BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



Passado este panorama geral sobre os equipamentos urbanos construídos pela cervejaria, há de se pensar um pouco a respeito das práticas preservacionistas no tocante ao patrimônio, em que elencam-se como base teórica o debate intenso promovido entre as ideias não intervencionistas do inglês John Ruskin (1819-1900) e o intervencionista francês Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879).

Ruskin, na obra “As Sete Lâmpadas da Memória”, abordava questões sobre a postura não intervencionista, como a questão da herança, do que se recebe e é transmitido, de maneira que a conservação, segundo ele, viria antes da restauração, ainda que não explicitasse uma utilização em relação aos edifícios. Diferentemente de Viollet-le-Duc, que versava sobre a necessidade de um emprego às edificações, conforme visto em seu verbete “Restauração”: “Ademais, o melhor meio para conservar um edifício é encontrar para ele uma destinação, e satisfazer tão bem todas as necessidades que exige essa destinação, que não haja modo de fazer modificações” (Viollet-Le-Duc, 2000, p. 65).

No fim do século XIX, as discussões sobre intervenção e preservação patrimonial crescem gradativamente em vários países europeus. Na Itália, Camillo Boito (1836-1914) sintetizaria de forma crítica a polarização das posturas de Ruskin e Viollet-le-Duc, de maneira que sua reformulação teórica estabelecia uma abordagem de caráter estrito à análise documental do monumento, o chamado “restauro científico”, trazendo também importantes conceitos utilizados pela contemporaneidade como a “distinguidade” e a “mínima intervenção” (Kühl, 2002, p.27).

Outro teórico que merece a devida relevância é o austríaco Alois Riegl (1858-1905), autor que, em linhas gerais, defendia que a ausência de uma funcionalidade pode prejudicar a integridade do bem, ou seja, uma edificação que possuía uma utilização e a perde posteriormente causa uma sensação de destruição.

Temos ainda como expoente destes estudos preservacionistas patrimoniais, o italiano Gustavo Giovannoni (1873-1947), já no século XX, que se baseava no repertório

deixado por Boito. A respeito do uso, Giovannoni abordou a questão através de duas distinções no Verbete escrito em 1936 para a Enciclopédia Italiana: “monumentos mortos” mais antigos como os da antiguidade clássica, aos quais normalmente se exclui uma utilização atual e “monumentos vivos”, mais recentes como palácios e igrejas aos quais é oportuno reportá-los a uma nova função, não muito diversa da original (Giovannoni, 1936, p. 128).

Pesquisadores do pós-II Guerra Mundial, como Cesare Brandi, viam-se na necessidade de revisar e aprimorar os contextos de restauro no campo da disciplina, assim sendo, na teoria brandiana, a funcionalidade estava direcionada diretamente com o sentido da restauração e com o reconhecimento da obra de arte, sendo que a invocação do uso fica condicionada à artisticidade da obra, diferenciando-se de outras intervenções que têm como prioridade o mero restabelecimento da funcionalidade.

Partindo do pressuposto das teorias preservacionistas, há então o interesse no estudo do patrimônio industrial como bem cultural. Ao tratarmos das mudanças ocorridas em São Paulo na virada do século XIX para o século XX, indubitavelmente temos que levar em conta a importância do processo de urbanização pelo qual a capital paulista passou, muito em função de sua industrialização e a ideia de patrimônio industrial que está imbricada neste processo. Tal conceito pode ser encontrado na carta que Nizhny Tagil escreveu em 2003 no TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage)⁸:

O *patrimônio industrial* compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (Tagil, 2003, p.3).

Contudo, a especulação imobiliária propaga uma grande dificuldade ao valor histórico e artístico atribuído ao patrimônio industrial para a sociedade, uma vez que tais edifícios estão, geralmente, em locais com uma infraestrutura ampla e em regiões estratégicas para o mercado de imóveis. Desta maneira, muitos edifícios fabris agregam um valor econômico e espacial, sofrendo alterações semânticas e promovendo até um pseudointeresse pela restauração com o intuito de construir novos empreendimentos induzindo a escolha de novos usos (Rufinoni, 2004, p. 154).

Trazendo à tona a importância da discussão em torno do patrimônio industrial suas reverberações, em 2004 houve o I Encontro em Patrimônio Industrial, promovido pela Unicamp e organizado pelo Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial, com a participação das pesquisadoras Silvana Rubino, doutora em Ciências Sociais, e Cristina Meneguello, doutora em História, ambas docentes da Unicamp, representando um passo essencial nas discussões acerca da necessidade da preservação e perspectivas de entendimento sobre o material a ser preservado⁹.

8 CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH) Julho 2003.

9 PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NO BRASIL. Entrevista com Silvana Rubino e Cristina Meneguello. Campinas: IFCH-Unicamp, 2004.

De posse de todas estas questões, julgamos de imensa importância a leitura de obras que embasem nossa argumentação, sobretudo como parâmetros para o entendimento da História Urbana e do Patrimônio Edificado da cidade de São Paulo, exemplificado pela Companhia Antarctica Paulista e nos equipamentos urbanos dela derivados. Destaquemos inicialmente o livro de Nestor Goulart Reis: *Dois Séculos de Projetos no Estado de São Paulo – Grandes Obras e Urbanização – volume II*. Neste livro, o autor aborda a história da cidade de São Paulo através de sua urbanização e urbanismo, com o enfoque nas obras advindas de projetos que envolveram grande investimento, seja ele público ou privado. Além disso, salienta a importância das redes de comunicações e transportes para viabilizar o próprio uso do espaço coletivo urbano, uma vez que havia a necessidade de uma organizada infraestrutura para que se promovesse um grau de inovação e modernização na cidade.

O autor também analisa os novos espaços insurgentes na capital que demandavam uma necessidade para as práticas culturais, além de esportes e lazer, isto é, os parques. Em São Paulo, por volta dos anos 20, a região central recebera os Parques Anhangabaú e Dom Pedro II. Já no entorno do centro, havia parques de proporções menores, como o Municipal – hoje Siqueira Campos - e mais simples, como o Jabaquara.

A Primeira República marca o surgimento de cinemas, parques, bosques, teatros, bibliotecas, museus, arquivos, revistas e jornais. Os restaurantes tornam-se redutos de uma boemia e de intelectuais, que teriam sua importância no Modernismo iniciado em 1922. Neste contexto cultural, o autor destaca a Companhia Antarctica Paulista como propagadora e incentivadora desse meio, seja na construção do Parque Antarctica ou na construção de duas salas de cinema na Avenida São João – Central 1 e Central 2 – próximas ao Parque Anhangabaú, quando da criação da sua nova sede, no centro da cidade.

Outro ponto a ser destacado na obra é o surgimento dos clubes esportivos como mais um segmento dos espaços de convivência entre a população da cidade de São Paulo, criando-se uma cultura que faria parte da vida social como um todo. Nesse quesito, a atuação dos imigrantes na cidade foi determinante para a prática desportiva e disseminação dessa cultura e até mesmo da modificação da cidade, uma vez que campos de futebol começavam a surgir, oriundos de diversos times, entre eles, o SC Corinthians Paulista (origem inglesa), Mackenzie (americana), Germânia (alemã), Palestra Italia (italiana), além de times de outras nacionalidades.

Em Richard Morse, com *Formação Histórica de São Paulo*, temos uma obra basilar para o entendimento da história da cidade de São Paulo. Morse traça um panorama que se inicia nas mudanças das cidades no século IX em função do Renascimento do comércio e das manufaturas, que incide num fluxo atrativo de pessoas em busca de centros urbanos estratégicos, que começam a surgir perto dos burgos, com suas especificidades econômicas que os diferenciariam do meio rural.

Morse apresenta uma contraposição entre as colonizações portuguesa e espanhola na América, retratando o Brasil como reflexo português em sua estética urbana e na economia. Segundo o autor, os centros urbanos representativos eram as cidades agro comerciais e marítimas desenvolvidas ao longo da costa. O autor aborda a questão da história urbana da América Latina em duas fases. A primeira ele chama de centrífuga e se passa durante o período colonial, em que não havia uma organização urbana estável, sendo que o poder era exercido de forma mais veemente pelo meio rural. São Paulo aparece neste contexto no tocante à caça aos índios e pela busca de riquezas externas. A segunda fase é o processo inverso, ou seja, o movimento agora é centrípeto, iniciado no século XIX, em que São Paulo surge como forte exemplo de desenvolvimento urbano na América Latina. O foco de Morse é descrever as variadas

etapas do enorme crescimento ocorrido na cidade, que possui reflexos nos atuais dias, como as deficiências estruturais urbanas e problemas de saúde pública.

Em se tratando de imigração, Mario Carelli - *Carcamanos e Comendadores. Os italianos de São Paulo da realidade à ficção 1919-1930* - aborda vários aspectos da presença italiana em São Paulo, traçando um perfil psicológico dos imigrantes a partir do *modus operandi*, do trabalho, ou seja, o autor fornece uma visão ampla da imigração, mostrando o dinamismo das relações entre italianos e paulistanos. O livro começa com o contexto histórico remetendo à imigração em São Paulo por volta de 1871. A necessidade por mão de obra para as lavouras de café foi um dos fatores motivadores da chegada destes europeus.

O retrato da vida dos italianos através de seu cotidiano permite o entendimento de costumes e maneiras que estão arraigados à cultura do povo paulistano, seja na língua, culinária, arquitetura, assim por diante. O autor dá ênfase à literatura feita sobre os italianos na perspectiva dos escritores como Antônio de Alcântara Machado e Juó Bananaré (pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Ribeiro) para elucidar uma série de indagações em torno da maneira como se deu a assimilação dos imigrantes em São Paulo.

“São Paulo, uma cidade italiana?” é o capítulo que aborda acerca da presença marcante dos imigrantes italianos na capital paulista nas primeiras décadas do século XX. O autor corrobora sua tese usando de várias citações como Aureliano Leite, Oswald de Andrade e outros, ajudando a entender a ligação existente entre os italianos e a cidade como ponto importante para esta pesquisa, uma vez que a imigração contribui para o processo de urbanização e industrialização da cidade de São Paulo.

Outra obra importante para nossa pesquisa de Nestor Goulart Reis é *São Paulo e outras cidades*, em que o autor faz um traçado cronológico a respeito da cidade e delimita quatro períodos em que São Paulo apresenta uma fisionomia peculiar: a primeira remete à velha cidade de taipa e do tempo da escravidão (até 1888), a segunda traz uma cidade europeia (1889-1930), a terceira é sobre uma cidade modernista (1930-1960) e a última apresenta a metrópole congestionada (1960-1990). Vale enfatizar que o conceito de fisionomia europeia remete a uma versão de arquitetura europeia do século XIX em substituição a uma versão colonial mediterrânea.

Reis é categórico ao afirmar que a cidade passou por um processo de degradação dos espaços ao longo do tempo, o que faz com que muitos moradores sequer tenham noção do que se perdeu, somente utilizando-se de fotografias antigas para descobrir diversas obras públicas e privadas que faziam parte do cotidiano de outrora. É uma crítica à falta de consciência do valor material e cultural do patrimônio edificado.

A convivência entre São Paulo e as demais cidades do interior e litoral são abordadas no livro, com a implantação da ferrovia que altera as relações de poder na então Província de São Paulo e fazendo o eixo Santos – São Paulo – Campinas um elemento importante no desenvolvimento da capital.

Reis adentra também o campo do esporte como agente modificador da cidade ao falar sobre o Velódromo de Dona Veridiana Prado e família, construído no início da década de 1890. As corridas de bicicletas eram uma forma de afirmar um contato direto com a civilização europeia. Mais tarde, em 1896, o Velódromo transformar-se-ia em campo de futebol, o novo esporte que já chamava a atenção de boa parte da elite paulistana.

Em contrapartida, o problema das moradias operárias e a formação de bairros mais pobres, com suas vilas e cortiços também são fruto da análise do autor, ao afirmar que os mesmos loteadores que implementariam os bairros novos seriam responsáveis pelos loteamentos de baixa renda.

De suma relevância é a abordagem do autor acerca dos parques que começam a surgir na primeira República, sob influência de um positivismo que pregava melhores condições de salubridade individual e pública, surgindo bairros cujos nomes já denotavam tal preocupação: Higienópolis e Saúde, já citados anteriormente.

O livro de Hugo Segawa, *Prelúdio da Metrópole. Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*, tem o primor em apresentar ao seu leitor uma vasta iconografia do crescimento da cidade de São Paulo, entre o final do século XIX e início dos anos 1930, baseada nas intervenções arquitetônicas e urbanísticas pelas quais a cidade passa, seja por meio da introdução da litografia e clichê, além da fotografia e heliografia como processos de reprodução visual para formar um painel da cidade no referido período.

Ao autor compete mostrar a evolução urbana pela qual passa a cidade, que necessitava sair dos limites do triângulo histórico, ultrapassando o Vale do Anhangabaú e a Várzea do Carmo, ocupando as depressões atravessadas pelos viadutos que seriam construídos. A construção do primeiro Viaduto do Chá, em 1892, por Jules Martin, permite a abertura de um dos lados do triângulo permitindo que se ocupe o outro lado do vale e, posteriormente, a criação de novos bairros como Santa Cecília, Bela Vista e Água Branca. Sanear e embelezar a cidade serão dois verbos deveras conjugados para o remodelamento da cidade, como proposta de um primeiro plano urbano para São Paulo feito por Adolfo Augusto Pinto em 1896. As propostas surgidas da iniciativa privada, ainda que justificadas por uma política de salubridade baseada na Paris de Haussmann (1853-1870) ou no Rio de Janeiro de Pereira de Passos (1903-1906) não prosperaram tanto quanto a perspectiva de aplicação de capitais em um negócio inédito.

O livro serve de referência, entre outros fatores, para situar o interessado em história da cidade, do urbanismo e arquitetura para ter ciência do trabalho de profissionais como Jules Martin, Victor Dubugras, Adolfo Augusto Pinto, Ramos de Azevedo, Alexandre Albuquerque, Victor da Silva Freire, Samuel das Neves, Joseph Bouvard, Barry Parker e tantos outros mais que, em seus respectivos papéis, sonharam ou lograram modificar São Paulo.

O livro de Candido Malta Campos - *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e Modernização em São Paulo* é sumidade ao se tratar de História de Urbanismo na cidade de São Paulo. Ele demonstra uma nova pesquisa que resgata a origem do pensamento urbanístico brasileiro. A profundidade do texto fornece elementos essenciais para a compreensão da análise histórica, como uma compilação de dados extremamente necessários para se chegar a tal entendimento.

Começando sua análise nos primeiros anos do século XIX, Campos já mostra uma incipiente modernização urbanística na cidade, com engenheiros atuando na transformação de um cenário primorosamente rural. Nesta fase é criada a Diretoria de Obras e o Gabinete Topográfico, advindos do Partido Liberal do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

Em seguida o autor trata acerca do governo João Teodoro e assim o fará até o prefeito Prestes Maia nos anos 1930, mas com abordagens que remetem às dificuldades vividas atualmente, ou que são o reflexo das administrações por ele analisadas, como

o transporte urbano, a exclusão social e o crescimento desordenado. Ao tratar a cidade de São Paulo como um campo de disputas entre ideias, práticas e projetos urbanísticos, é possível notar o papel central de urbanistas que atuaram no período em análise na mediação de conflitos de interesses e de visões referentes ao crescimento da cidade.

A proposta do livro de Carlos Augusto da Costa Niemeyer, *Parques Infantis de São Paulo – Lazer como expressão de cidadania*, é recuperar o percurso de uma cultura cidadã voltada para as crianças e os jovens dos bairros populares, além de elucidar a relação existente entre trabalho, espaço e lazer, proveniente da conquista do tempo livre pelo trabalhador e a sociedade industrial.

A valorização do futebol tem destaque em São Paulo como mais um elemento da importação de hábitos e gostos estrangeiros por parte da elite que se afirmava na urbanidade. Niemeyer analisa seu caráter psicológico na sociedade, em que o esporte tem o papel de “ópio do povo”, ao reduzir as ansiedades provocadas pela agitação do capitalismo.

A massificação do esporte no Brasil permite, segundo o autor, o apoio estatal à prática desportiva como medida de extravasamento das tensões populares, porém, sem políticas de produção de equipamentos lúdicos que dessem suporte a essa prática, ou seja, não há uma preocupação qualitativa em termos de desenvolvimento urbano e social envolvendo o esporte.

O livro também aborda o urbanismo e a concepção de lazer como proposta de bem-estar, em que medida a Revolução Industrial e o capitalismo se mostram como argumentos para críticos antiurbanos defenderem o retorno ao equilibrado ambiente das cidades antigas. Ainda a respeito do urbanismo, vale a pena ressaltar que uma importante contribuição para a organização da cidade moderna, incluindo noções de lazer e tempo livre está na Carta de Atenas de 1933, feita por Le Corbusier, que escreve que a cidade deve “acolher as atividades coletivas da juventude, propiciar um espaço favorável às distrações, aos passeios ou aos jogos das horas de lazer.”

É imprescindível que o leitor tenha noção de que o compêndio de obras aqui relacionado tem por objetivo auxiliar sua busca sobre outras tantas obras de suma relevância para o entendimento deste tema. Neste sentido, cabe aqui ressaltar a obra da autora Stella Bresciani intitulada *Da cidade e do urbano: experiências, sensibilidades, projetos* pois, tal coletânea de textos da autora feitos em diferentes momentos desde os anos 1980 permitem uma série de olhares de análise e de metodologia sobre a historiografia produzida sobre as cidades e sobre o urbanismo como campo teórico.

Da mesma importância é a obra *Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação*, de Beatriz Muyagar Kühl, por sua qualidade como obra acadêmica e por trazer discussões essenciais sobre preservação, conservação e restauro do patrimônio.

Em suma, reiteramos uma vez mais que este artigo pretende aguçar o olhar de quem se interessa pelo patrimônio edificado, representado aqui pelo patrimônio industrial cervejeiro angariado pela Companhia Antarctica Paulista e seus equipamentos urbanos construídos ao longo do século XX. Em tempo, vale salientar que as edificações fabris da cervejaria, tombadas em 2016, foram adquiridas em 2019 pela empresa Prevent Senior, que pretendia ali, segundo matéria publicada na Revista Exame, construir uma “Disney para a terceira idade”¹⁰.

10 <https://www.preventsenior.com.br/sala-de-imprensa/revista-exame-publica-mat%C3%A9ria-sobre->

Percebe-se que, desde sua fundação em São Paulo como um abatedouro de suínos situado em uma zona rural próxima a duas linhas férreas, a Antarctica desempenha um papel relevante para os estudos sobre instalações industriais e armazéns no contexto da industrialização da capital paulista. Sua trajetória — da produção de gelo até a consolidação como fabricante de bebidas — evidencia a ocupação e a formação de conjuntos arquitetônicos vinculados à ferrovia e à paisagem urbana das várzeas dos rios paulistanos. Tal percurso também revela aspectos da história da indústria cervejeira no Brasil, contribuindo significativamente para a memória social da capital paulistana.

Agradecimento

Esta pesquisa é realizada sob abrigo de Bolsa CNPQ. Processo 171878/2023-0.

Referências

AMERICANO, Jorge. *São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)*. São Paulo: Carbono 14/ Narrativa-um/Carrenho Editorial, 2004.

BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo, vol III. Metrópole do café (1872-1918)* São Paulo: Editora Hucitec, 1984.

CAMPOS, Candido Malta. *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e Modernização em São Paulo*. Senac, 2000.

CARELLI, Mario. *Carcamano e Comendadores. Os italianos de São Paulo da realidade à ficção – 1919 a 1930*. Editora Ática. 1985.

CORBUSIER Le. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec Edusp. 1993.

KÜHL, Beatriz Muyagar. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas Teóricos de Restauro*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

KUZNIR, Mauro. *Urbanismo sem calçadas*. In: *Cidade: Impasses e Perspectivas*. São Paulo: FAU/Annablume/FUPAM, 2007.

MILLS, John. Charles Miller: *O pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005
MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São Paulo*. Editora Difusão São Paulo, Europeia do Livro, 1970.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. *Parques Infantis de São Paulo. Lazer como expressão de cidadania*. Annablume. São Paulo, 2002.

PARQUES URBANOS MUNICIPAIS DE SÃO PAULO. Organizado por Marussia Whately e outros. ISA. São Paulo, 2008.

PAULA, Eurípedes Simões de. *A Segunda Fundação de São Paulo. De pequena cidade à grande metrópole de hoje*. São Paulo: 1939. Em <http://www.revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/017/A006N017.pdf> Acesso em: 25 jul. 2014.

a-disney-da-prevent-senior#:~:text=REVISTA%20EXAME%20PUBLICA%20MAT%C3%89RIA%20SOBRE%20A%20E2%80%9CDISNEY%20DA%20PREVENT%20SENIOR%20E2%80%9D,-30%20de%2010&text=Saiu%20na%20Exame%20uma%20novidade,Veja%20abaixo%20a%20mat%C3%A9ria%20completa.

PINTO, Alfredo Moreira. *A Cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

RAGO, Margareth. *A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950*. In: In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

REIS, Nestor Goulart. *Dois Séculos de Projetos no Estado de São Paulo – Grandes Obras e Urbanização – volume II: 1889-1930*. São Paulo: Edusp – Imprensa Oficial
----- *São Paulo e outras cidades*. Hucitec, São Paulo, 1993.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. (coord.) *Trabalhadores Urbanos e Ensino Profissional*. Campinas: Editora da Unicamp, 2º ed., 1986.

SANTOS, Sergio Paula de. *Os primórdios da cerveja no Brasil*. Ateliê Editorial. São Paulo, 2004.

SANTOS, Wanderley. *História dos bairros de São Paulo*. Volume 18: Lapa. PMSP/SMC
SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole. Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. Ateliê Cultural. São Paulo, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Edusp/ Studio Nobel/ Fapesp. 1997.

SZMRECSÁNYI, Tamás (org). *História Econômica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo, 2004.